

## **Curso de Gestão da Mobilidade Urbana**

### **Ensaio Crítico - Turma 14**

#### **A Educação e a mobilidade urbana**

**Fernando Schultz Peña Rodrigues (\*)**

A mobilidade urbana é um tema complexo, com inúmeras variáveis e, geralmente, estudado por uma equipe multidisciplinar. Ela abrange todos os deslocamentos realizados na cidade através dos diversos modos de transporte existentes.

A escolha dos modos de transportes utilizados na realização dos deslocamentos tem uma relação direta com a renda de cada indivíduo, pois quanto maior a renda mais modos de transporte poderão ser utilizados. Indivíduos com baixo poder aquisitivo ficam, em geral, restritos à utilização de transporte coletivo, pois não possuem condições de arcar com os custos relacionados à utilização de automóveis individuais e táxis (que embora seja um transporte coletivo – disponível a todos –, realiza deslocamentos individuais).

Os problemas de mobilidade observados na maioria das grandes cidades são causados pelas restrições de espaços disponíveis para realização de deslocamentos e pela dificuldade de distribuir os mais diversos modos de transporte nesses locais. A decisão de implantar faixas exclusivas para ônibus ou para bicicletas, em vias que possuem elevado fluxo de automóveis particulares, é bastante complexa, pois cada modo de transporte tem sua importância econômica e social.

Além da restrição de espaço físico, um problema que, em geral, é pouco abordado nos estudos de mobilidade é a Educação. O Brasil é um país em desenvolvimento que possui um déficit de ensino e educação que gera diversos problemas na sociedade, inclusive na mobilidade urbana. A maioria das pessoas quando realizam seus deslocamentos nos mais diversos modos de transporte, estão preocupados somente com o seu tempo e com o seu bem estar, sem observar os problemas que suas atitudes causam para a mobilidade da cidade.

O motorista de automóvel particular que não faz uso do transporte coletivo é muitas vezes contrário à implantação de uma faixa exclusiva para ônibus, pois com isso a capacidade da via para automóveis diminui e, conseqüentemente, seu tempo de deslocamento irá aumentar. Entretanto o motorista, que está no conforto de seu automóvel, não leva em consideração o benefício oferecido às pessoas que andam em ônibus lotados com a implantação de corredores de ônibus e faixas exclusivas.

A educação dos motoristas, ou a falta dela, é também observada no frequente desrespeito às faixas para travessia de pedestres. São raros os casos em que é possível observar os automóveis parando para que os pedestres possam realizar as travessias nos locais em que não há semáforos com tempos exclusivos para pedestres. A mentalidade egoísta de grande parte dos motoristas não permite que eles aumentem

em alguns segundos seus deslocamentos para que os pedestres possam trafegar com segurança.

Os pedestres, por sua vez, também são responsáveis por alguns dos problemas de mobilidade e dos conflitos com os outros modos de transporte, quando realizam travessias nas vias fora dos locais apropriados. É muito comum observar pessoas transpondo vias em locais que não são seguros mesmo quando há uma faixa para travessia de pedestres a menos de 50 m de distância. Esse comportamento é muito semelhante ao observado no motorista do veículo que não para que os pedestres atravessem: o indivíduo está preocupado somente com o seu tempo de deslocamento.

O problema de educação é evidente também nos ciclistas que trafegam pelo leito carroçável mesmo quando há uma ciclovia disponível. É muito comum os ciclistas experientes justificarem esse comportamento afirmando que alguns ciclistas iniciantes trafegam em velocidades muito baixas nas ciclovias. Para essas pessoas o aumento no tempo de seus deslocamentos é mais importante do que o aumento no risco de acidentes causado pelo compartilhamento da via entre uma bicicleta e um automóvel.

As motocicletas, por sua vez, estão envolvidas em grande parte dos acidentes observados nos grandes centros urbanos. Esse modo de transporte é bastante utilizado devido ao baixo custo na sua aquisição e manutenção, e também à ideia de que com uma motocicleta é possível realizar deslocamentos em um menor tempo.

Para minimizar o tempo de seus deslocamentos os motociclistas não utilizam as faixas de tráfego e realizam seus deslocamentos em alta velocidade no espaço entre dois automóveis, onde a visibilidade dos outros motoristas é reduzida. A ideia de redução de tempo eleva o risco de acidentes, prejudicando a mobilidade de toda a cidade.

A pressa nos deslocamentos dos motociclistas muitas vezes não está relacionada somente ao seu egoísmo e sim ao egoísmo de toda a sociedade. Quando utilizamos os serviços expressos de entrega de documentos ou de medicamentos, e exigimos a entrega com urgência, contribuímos para que os motociclistas sejam egoístas no trânsito e prejudiquem a mobilidade.

Os problemas causados pela mentalidade individualista da sociedade não são os responsáveis pelos enormes congestionamentos que observamos diariamente. O aumento no tempo de deslocamento nas grandes cidades é consequência direta do aumento da frota e da população e a solução desses problemas requer muito planejamento e investimento.

A educação individualista é observada em todos os modos de transporte e em todas as classes sociais. A conscientização da sociedade pode não resolver os principais problemas de mobilidade, mas soluciona alguns deles e proporciona maior segurança nos deslocamentos de todos os modos de transporte. Ao contrário das soluções de engenharia de tráfego, a educação é uma medida que pode ser aplicada com campanhas educativas e exemplos, sendo uma opção barata e viável melhorar as condições de mobilidade nas cidades.

*(\*)Fernando Schultz Peña Rodrigues é Engenheiro Civil e atua na Matricial Engenharia Consultiva em Porto Alegre-RS*